Mocambos e quilombos na toponímia de Sergipe

Francisco José Alves (*)

A toponímia (nomes de lugar) é, quando devidamente perscrutada, um rico documento. Os topônimos são indícios reveladores da história e da cultura de um espaço ocupado pelo homem. Neles, pode-se “ler” muito do passado de uma sociedade. Os nomes de lugar são prenhes de significado. Cabe decifrá-los. Um exemplo: a importância do catolicismo na cultura brasileira pode ser “lida”, dentre outros meios, na profusão de lugares com nomes de santos. Lembremos alguns municípios sergipanos. São Cristóvão, Santa Luzia do Itanhy, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora da Glória, Amparo do São Francisco, Santana do São Francisco, Santa Rosa de Lima, Nossa Senhora de Lourdes, Divina Pastora, Rosário do Catete, Santo Amaro das Brotas, Cedro de São João, São Miguel do Aleixo...

Os nomes de lugar também deixam patente a contribuição das três etnias fundantes da nossa cultura. Basta abrir um mapa de qualquer estado da federação para constatar o fato. Neles abundam nomes portugueses, indígenas (Tupi colonial) e africanos (nagô e banto). Tomando o caso sergipano, designações de lugares evidenciam o contributo indígena – Indiaroba, Itaporanga, Pacatuba, Itabaiana, Japarutuba... –; africano – Mulungu (povoado em Canindé do São Francisco), Mocambo (povoados em Carmópolis e em Riachão do Dantas e riacho em Poço Verde), Guandu (povoado em Itabaiana), Zumbi (povoado em Poço Verde), Samba (riacho em Riachão do Dantas), Cabojo (povoado em Riachão do Dantas), Quilombo (povoado em Simão Dias) –; e europeu (Estância, Convento, Areia Branca, Neópolis, Retiro...).

Em Sergipe, é possível destacar a presença de dois topônimos de assente procedência africana. Este é o caso de “mocambo” e “quilombo”. Conforme os peritos, os dois vocábulos são oriundos do *quimbundo*, língua falada na África pelos bantos, uma das etnias exportadas como escrava para o Brasil. Tal língua, atualmente, é falada em Angola, Congo, Gabão, Zâmbia e Zaire. (“Os Reinos Bantos do Congo”. *Guia do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1986. p. 125).

Renato Mendonça (1912-1990), em obra pioneira de 1943, decompõe o étimo: *mu* (prefixo nominal designativo de entes inanimados) + *kambo* = esconderijo. Mocambo é, em terras brasileiras, o esconderijo do escravo fugido. (Mendonça, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. p. 152). O *Novo Aurélio* confirma a origem africana da expressão e dá dupla acepção ao vocábulo. Mocambo tanto pode vir do quimbundo *mu'kambo* = cumeeira [da casa] ou *mu'kamo* = esconderijo. (Freire, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 1349). O “Aurélio” ainda registra o termo como brasileiro; “couro de escravos fugidos”.

Mocambo aproxima-se de “quilombo”, outro termo de origem *quimbundo* no português do Brasil. Quilombo, na opinião dos estudiosos, deriva de “*kilombo*”, e significa “povoação”. (Mendonça, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. p. 164). Enquanto brasileiro, a palavra nomeia a povoação que abriga escravos fugidos. Outra fonte esmiúça mais detidamente a origem da expressão. *Lumbo* é muro, paliçada. Daí vem *ki-lumbu*, recinto murado, cam-

po de guerra. (Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 1686). Os termos parecem apontar para uma origem comum: a experiência da escravidão africana no Brasil ao longo de quase quatro séculos.

Tal regime servil deixou marcas evidentes na cultura sergipana. A toponímia é somente um dentre muitos indícios que falam do cativo negro. Espalhados pelo território, os nomes "mocambo" e "quilombo" acenam para uma fase da nossa organização social. É um resquício eloqüente de uma época ainda presente no nosso imaginário coletivo.

Em Sergipe, quilombo e mocambo nomeiam vilas, povoados, rios e riachos. De Norte a Sul, da mata ao sertão os nomes de origem africana (quimbundo) aparecem de modo irregular, mas expressivo.

Vejamos, inicialmente, o termo "mocambo". Vindo da zona interiorana para a zona da mata, temos um povoado com este nome no município de *Porto da Folha*, no sertão sergipano do Baixo São Francisco. O mesmo topônimo surge também em *Carmópolis*, na faixa da zona da mata. Esta denominação pode ser eco dos muitos mocambos existentes no *Vale do Cotinguiba* durante a vigência da escravidão e do auge da cultura canavieira no século XIX.

O nome volta a comparecer nas terras sergipanas em *Poço Verde*, nas fronteiras com a Bahia. Naquele rincão, passa o pequeno "Riacho do Mocambo".

Consideremos agora o topônimo *quilombo*. Tais redutos em Sergipe, como no restante do Brasil, existiram durante a escravatura. Nas terras Del Rey, os governantes e os senhores tiveram muita dificuldade em domar os quilombolas (habitantes dos quilom-

bos). Durante o século 19, redutos de escravos proliferaram em diversos pontos da então Província. Na época, o epicentro da insubordinação era as vilas de Laranjeiras, Divina Pastora, Rosário, Capela e Japarutuba. (Figueiredo, Ariosvaldo. *O Negro e a Violência do Branco. O negro em Sergipe*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editora, 1977. p. 83-94).

Quilombo ainda comparece na nossa atual toponímia denominando um povoado situado em *Simão Dias*, município nos confins do agreste sergipano, dedicado sobretudo à pecuária. Também em Estância, cidade do litoral sul do estado, há um logradouro chamado pelos velhos habitantes de "rua do Quilombo". É provável que tal nomeação seja lembrança da época quando no local havia um reduto de escravos. O quilombo acabou-se, mas ficou o nome como indício de uma realidade passada, guardada na memória dos estancianos. Ainda na primeira metade do século 20 a citada rua periférica era habitada, sobretudo, por pessoas pobres e de cor negra.

Os topônimos "mocambo" e "quilombo" são somente uma amostra de um conjunto mais vasto de designações de procedência africana que pontuam a paisagem sergipana. Faz-se necessário uma pesquisa sistemática para levantar e analisar outros nomes de lugar de origem similar. Esta é uma tarefa indicada àqueles interessados em fazer um inventário da contribuição dos africanos (e seus descendentes) à cultura sergipana. Tal levantamento seria muito útil para um mapeamento das comunidades afro-brasileiras remanescentes de quilombos. Fica a sugestão.

(*) Doutor em História Social pela UFRJ, Mestre em Antropologia pela UNB, Professor de Teoria e Metodologia no Departamento de História da UFS.